

Afazeres da docência na Educação Infantil: atravessamentos nas trajetórias pessoais e profissionais em tempos de Pandemia

120

Sabrina Marafiga Cardoso Silva¹
Graziela Escandiel Lima²
Fabiane Bayer³
Franciele Paraboni Maffini⁴

Resumo

No texto busca-se problematizar as limitações da docência na Educação Infantil tendo em vista a situação de Pandemia que impôs a utilização de tecnologias às redes de Educação Básica. Na Educação Infantil há processos pedagógicos impensáveis sem a presença, o toque, as relações das crianças entre elas mesmas. Outro aspecto destacado é o da predominância da mulher na docência com as crianças pequenas, o que faz com que se relacionem mais efetivamente, nesse tempo, a docência e a maternidade, visto que fomos impelidas a desempenhar de forma concomitante os afazeres de mães e de professoras. Dessa forma, nos propomos a pensar como tanto a Educação de crianças pequenas, quanto a docência na Educação Infantil estão sendo atravessadas

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pós-graduanda da Especialização em Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), vinculada a Linha de Pesquisa 2 (LP2)- Políticas Públicas e Gestão Educacional. Professora de Educação Infantil contratada na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo- UEIIA/UFSM.

E-mail: profebika@gmail.com

² Possui Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS (2010), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/RS (2002) e Graduação em Pedagogia - Educação Pré-Escolar e Matérias Pedagógicas do 2º Grau. pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/RS (1999). Atualmente é professora no Departamento de Metodologia do Ensino, Centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/RS.

E-mail: graziescandiel@gmail.com

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional /CE/UFSM. Licenciada em Pedagogia pela UFSM (2002). Especialista em Gestão Educacional pela UFSM e em Psicopedagogia Clínica Institucional pelo Centro Universitário Franciscano. Atualmente está como Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Santa Maria.

E-mail: fabibayer2013@gmail.com

⁴ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria, com habilitação em Docência na Educação Infantil, Anos Iniciais e EJA. Professora da Educação Infantil do Colégio Marista Santa Maria.

E-mail: fpmaffini@gmail.com

pela situação de distanciamento social. Contamos com situações que envolvem a experiência docente e a maternidade, demonstrando algumas convicções que estão sendo desenhadas nesse contexto.

Palavras-chave

Infância. Pandemia. Docência. Maternidade.

Recebido em: 16/08/2020

Aprovado em: 22/12/2020

121

Teaching duties in Early Childhood Education: crossings in personal and professional trajectories in times of Pandemic

Abstract

The text seeks to problematize the limitations of teaching in Early Childhood Education in view of the pandemic situation that imposed the use of technologies in Basic Education networks. In early childhood education, there are unimaginable pedagogical processes without the presence, touch and relationships of children with each other. Another highlighted aspect is the predominance of females in teaching with young children, which makes teaching and motherhood more effectively related at that time, since we were obliged to carry out the tasks of mothers and teachers. Thus, we propose to think how both Early Childhood Education and Early Childhood Education are being crossed by the situation of social distance. We have situations that involve teaching experience and motherhood, showing some convictions that are being traced in this context.

Keywords

Childhood. Pandemic. Teaching. Maternity.

Tempos de Pandemia e docência: palavras iniciais

Estamos vivendo um tempo de incertezas, no qual precisamos aprender a conviver com o inesperado diariamente. A situação de distanciamento social imposta pelo rápido alastramento e contágio da Covid-19, na Ásia, Europa, chegando nas Américas, impôs, de forma global, outras formas de “levar a vida”. Nesse sentido, muito se tem lido, visualizado e ouvido sobre a Pandemia em si, assim como sobre as diferentes áreas de conhecimento, temáticas, reflexões, posicionamentos diversos que têm chegado a boa camada da população através da rede mundial Internet.

122

Morin em “Os sete saberes necessários à educação do futuro” (2002) discorre sobre as incertezas do conhecimento e sobre nossa condição de enfrentar o inesperado. De acordo com o autor, é necessário pensar no ser humano como um todo, complexo, no qual o desenvolvimento cognitivo vai estar intrinsecamente ligado ao desenvolvimento afetivo. Somos um conjunto de fatores biopsicossociais, vivendo em um mundo conectado com a natureza e com o universo. Somos parte do universo e o universo todo está em nossa condição humana (MORIN, 2002).

Partimos dessa reflexão para pensar nas formas como estamos trabalhando neste período que tem sido tão desafiador para todos. Educadores, famílias, crianças, Estamos todos enfrentando este tempo, cada um com suas particularidades e ao seu ritmo tentando nos adaptarmos a uma nova rotina, desconhecida, desafiadora, angustiante em muitos aspectos.

Repentinamente o ano letivo que recém se iniciava paralisou com a crise sanitária da Covid-19, ainda nas primeiras semanas de março. Nos vimos, de repente, no meio de uma pandemia e o nosso convívio com as crianças que recém se estabelecia foi bruscamente interrompido. As escolas precisaram fechar suas portas. As crianças, estudantes, professores, funcionários e estagiários foram para casa com a indicação de que o “isolamento social” seria o mais indicado. Dessa forma, todas as nossas certezas sobre jornadas escolares,

rotinas, horários mudaram. A suspensão das aulas se tornou para nós e para todos os brasileiros, um cenário inédito, mas necessário para o momento.

Passado um tempo considerável do que temos chamado de “isolamento ou distanciamento social”, estamos compreendendo que essa situação condiciona nossos contatos presenciais com as pessoas, porque continuamos nos encontrando por vídeos, *Lives*, Reuniões virtuais. São inúmeras as ferramentas que temos disponíveis para continuarmos, além dos contatos com amigos e familiares, também nossos trabalhos e estudos.

A vida não parou, apenas ocorreram mudanças diárias na nossa rotina, o cotidiano precisou ser subitamente revisto, precisamos buscar novas alternativas de “acomodar” todas as nossas tarefas. A casa, os filhos, a demanda de trabalhos da escola, a demanda das leituras e produções para os processos de formação continuada já iniciados, os trabalhos das disciplinas de Pós-Graduação⁵, enfim, organizar o tempo diante de tudo isso não é tarefa fácil para ninguém.

Pensem nas crianças, assim como de todas as pessoas, a rotina delas de um dia para outro foi bruscamente interrompida, sem entender muito como e porquê, simplesmente, sem muitas explicações, deixaram de ir à escola, de encontrar os amigos, colegas e professores. Precisaram ficar em suas casas. As interações e brincadeiras que antes faziam parte de seu cotidiano na escola, ficaram “guardadas” à espera do retorno. Quando? Ainda não sabemos.

Dentre tantos desafios que surgiram durante essa pandemia destacamos o uso da tecnologia como ferramenta essencial para manter o “trabalho” em qualquer nível da educação escolar. Professores, professoras, maioria mulheres, estávamos preparadas para estar frente a uma forma de trabalho que não se utilizava antes? Como usar da melhor forma? Como estar presente na vida das crianças, estando longe da sua presença física? Estávamos ausentes, do ponto de vista das crianças? Como usar a tecnologia de forma que não invada a

⁵ Autoras envolvidas em Cursos de Pós-Graduação, nos quais aos poucos as atividades presenciais recém ou ainda não iniciadas, foram substituídas por atividades remotas.

privacidade das famílias e sem incentivar que crianças pequenas fiquem expostas a telas de celular, tablets e computadores? Como considerar a participação das crianças cujas famílias pouco entendem e conseguem participar de propostas enviadas pelo meio digital? Da mesma forma, para nós, que somos professoras e mães como organizar um espaço dentro de casa que passe a ser o nosso local de trabalho?

Outro aspecto importante a ser pensado é a família, não só a das crianças, mas a família das professoras. Pensamos nos nossos afetos de casa, eles têm a compreensão e entendimento de que estar online em reuniões, assistir e “dar” aulas frente ao celular é o nosso trabalho? A escola adentrou aos lares de alunos, crianças, professores, o que leva a questionar: afinal que espaço é esse? Como explicar para os filhos que mesmo estando em casa, a atenção deve ser dada a outras crianças, às crianças de nossas turmas das escolas em que desenvolvemos nossos trabalhos e que fazem parte de nossa constituição profissional? Muita complexidade instalada, visto que antes da pandemia, estar em casa significava dedicação de tempo e energia exclusivamente aos afazeres de mãe, da casa e das rotinas familiares, modificadas ao extremo nos tempos que temos vivido.

Realmente não se mostra tarefa fácil entremear os afazeres de ser mãe, estudante, pesquisadora e professora além de ter que aprender cada vez mais o que a tecnologia tem para nos ajudar, e ainda contar com a falta de acesso de todo um contingente de pessoas alijadas do contato com equipamentos, redes e sistemas que compõem essas tecnologias.

De acordo com Santos (2020) toda e qualquer quarentena, sempre será discriminatória, pois, será mais difícil para alguns grupos sociais do que para outros. Assim, temos necessidade, neste momento, de olhar para essas situações, e tentar nos colocar no lugar do outro, para pensarmos ações como professores, formadores que somos.

Santos (2020) também infere:

Uma pandemia desta dimensão provoca justificadamente comoção mundial. Apesar de se justificar a dramatização, é bom ter sempre presente as

sombras que a visibilidade vai criando. Por exemplo, os Médicos Sem Fronteiras estão a alertar para a extrema vulnerabilidade ao vírus por parte dos muitos milhares de refugiados e imigrantes detidos nos campos de internamento na Grécia. Num desses campos (campo de Moria), há uma torneira de água para 1300 pessoas e falta sabão. Os internados não podem viver senão colados uns aos outros. Famílias de cinco ou seis pessoas dormem num espaço com menos de três metros quadrados. Isto também é Europa – a Europa invisível. Como estas condições prevalecem igualmente na fronteira sul dos EUA, também aí está a América invisível. E as zonas de invisibilidade poderão multiplicar-se em muitas outras regiões do mundo, e talvez mesmo aqui, bem perto de cada um de nós. Talvez baste abrir a janela. (p.8-9)

Nesse contexto, pensamos mais especificamente sobre as mulheres e seu papel em muitas realidades brasileiras, Santos (2020) as chama de “cuidadoras do mundo”, analogia que concordamos, pois geralmente são as mulheres que estão na linha de frente das casas, cuidando dos filhos, dos afazeres domésticos e ainda dos afazeres que a profissão docente requer.

O cuidado dos filhos e de toda demanda doméstica são atribuições culturalmente atribuídas à mulher. Podemos perceber, então, como a maternidade está associada a um papel social da mulher. Assim, Morin (2019), afirma que “[...] o tema mãe não é apenas o mais antigo na história, mas é primordial entre os mamíferos nos quais a mãe concebe, alimenta, e protege sua progenitora até o momento que se torna adulta e adquire sua independência ” (p. 25-26).

Atravessamentos da tecnologia no cotidiano da pandemia: algumas inquietações

Para Heller (2008, p. 31) “A VIDA COTIDIANA é a vida de *todo* homem”. Todos/todas vivemos o suceder dos acontecimentos em todas as dimensões e particularidades da convivência em sociedade. Sendo o cotidiano a forma como vamos nos constituindo diariamente nas nossas ações e reproduções, consideramos importante refletir acerca de como nosso dia a dia foi interpelado por uma crise sanitária que se instalou no mundo.

Diante do contexto que se apresentava e se apresenta tivemos que subitamente sair de um cotidiano, relativamente organizado e fluente, para um não cotidiano⁶, isto é, precisamos romper com uma rotina que estava posta e era conhecida, para sair da zona de conforto, em movimentos de desorganizar e reorganizar a vida.

Se o cotidiano é a vida de todo homem, então quando a vida muda, de certa forma muda também a forma de viver o cotidiano. O cotidiano muda com a história. O cotidiano é o retrato da história e da cultura que se apresenta em determinados contextos.

Acreditamos que os hábitos e atitudes vêm carregados de significados sociais, culturais e políticos, por isso o estudo do cotidiano vem sendo considerado em vários campos de estudos como a sociologia, a filosofia, e também a educação.

Lima, ao citar Patto (1993), considera relevante a importância dos estudos sobre a vida cotidiana, pois “[...] os estudos em educação que focalizam a vida cotidiana se caracterizam por um olhar atento aos espaços educacionais como instituições inseridas numa estrutura social que também reflete a organização da sociedade” (LIMA, 2010, p. 96).

Assim, quando nos referimos à Educação Infantil acreditamos que a vida cotidiana de cada criança importa, que se faz necessário romper com o senso comum⁷ e respeitar a criança, compreender sua forma de sentir o mundo e as pessoas que a cercam. Nesse sentido, defendemos que para atuar com as crianças, na Educação Infantil, é preciso muita empatia e escuta, muito mais nesses tempos em que a realidade acaba por causar mais insegurança do que alento às nossas crianças. Diante disso, entendemos que “[...] é no dia a dia que

⁶ Segundo Agnes Heller (2008), o não cotidiano representa a passagem de uma estrutura hierárquica e econômica de vida, em que literalmente, muitas vezes, “tocamos o dia a dia” para um patamar mais reflexivo e pensado, mesmo que em ações diárias, que se repetem e nos fazem manter certa regularidade.

⁷ Perspectiva ainda atual em alguns contextos e instituições em que muitas vezes ainda considera que a criança apenas segue o curso da história em relações marcadas por uma visão adultocêntrica.

as coisas se mostram, é no cotidiano que se pode (ou não) agir com bom senso, agir de acordo com a razão, distinguindo o bom do ruim, o verdadeiro do falso, o possível, quando se pensa na formação das crianças” (LIMA, 2010, p.94).

Como já mencionado, nosso cotidiano foi se modificando no decorrer desse processo de pandemia no qual estamos inseridos atualmente. Acreditamos que as mulheres e as crianças são sujeitos que muito estão afetados com as novas rotinas que foram impostas. As crianças porque deixaram de conviver na escola de uma hora para outra, não encontraram mais seus amigos, suas interações e brincadeiras mudaram repentinamente, e as mulheres, sobretudo as professoras, porque tiveram que assumir a linha de frente de suas casas ao mesmo tempo em que precisaram “tocar” de forma conjunta maternidade e profissão, com ações que se assemelham sobremaneira e a todo o tempo.

Diante de todo contexto histórico e social, estamos muito preocupados com o retorno, como será e quando? Mas de que retorno falamos? Retornar às escolas? Ao normal? Existirá normal? São tantas as questões que nos inquietam, que nos fazem refletir sobre que mundo estamos produzindo para nossas crianças?

Nesse intuito, procuramos refletir ao longo dos últimos tempos, como pensar e planificar esse “ensino remoto”, no qual, a tecnologia se torna a principal ferramenta, e buscamos dela tirar o seu melhor, mostrando que é possível tentarmos seguir em frente, criando diversas estratégias para o trabalho a ser desenvolvido com as crianças. Estamos vivenciando alguns processos que nos fazem considerar que é possível, que algumas abordagens com as crianças podem acontecer com êxito. Mas precisamos considerar que para as nossas crianças e para nós professores está sendo um tempo muito difícil, atravessado de dúvidas, medos, incertezas, acúmulo de informações, conhecimentos, que muitas vezes geram mais ansiedade, insegurança, paralisia.

Por outro lado, esta mesma Pandemia e o consequente e recomendado distanciamento social, têm sido uma oportunidade de vivenciar práticas - profissionais ou não - mais participativas e solidárias. É possível hoje também falar, ouvir, e tentar juntamente deliberarmos caminhos, uma vez que,

acreditamos na perspectiva do acolhimento, do estreito contato, da riqueza das interações e do brincar, do protagonismo das crianças, e também dos professores.

Para Santos (2020), a pandemia e a quarentena que hoje nos assola, está a revelar que são possíveis sim alternativas, e que as pessoas podem se adaptar a novas maneiras de viver, quando se faz necessário para o bem comum. E assim, buscamos diariamente pensar diversas maneiras de aproximar a escola e a família, neste momento tão delicado que vivemos.

Talvez, neste momento, tenhamos que pensar sobre a aprendizagem colaborativa, a qual perpassa e pressupõe a superação do paradigma da educação tradicional, aquela baseada na repetição e reprodução do conhecimento, que considera a criança um indivíduo passivo no processo de construção do conhecimento. Mas, ao falarmos de participação colaborativa, precisamos entender que os pais, neste momento de pandemia, precisam ser chamados a participar do processo de aprendizagem de seus filhos, mas de forma respeitosa e elucidativa, para serem ativos e atentos a tudo o que acontece com seus filhos, tendo autonomia para participar, dar sugestões, críticas, etc.

Levar em consideração essa criança, que hoje se encontra dentro de casa apenas com adultos, sem estar na escola, nos faz necessário, lembrar como Barbosa e Fochi (2012) citam Malaguzzi, sobre a criança, e como ela deve compreendida: [...] para o adulto, o desafio está em saber escutá-la, para não deixá-la perder este desejo que interpelar o mundo, auxiliando no que for necessário, aproximando daquilo que é distante, apresentando-a para o mundo. (p. 6)

Assim, parece uma necessidade de nós professores junto às famílias de nossas crianças construirmos um relacionamento que alicerce uma educação de qualidade e a assunção de toda sociedade quanto à responsabilidade na educação das crianças pequenas.

Levando-se em consideração os aspectos mencionados é preciso considerar que hoje vivemos em uma situação de excepcionalidade, que talvez nunca tenhamos

imaginado passar, situação propícia para se pensar em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI.

Nossas reflexões e diálogos nos grupos que participamos, tem nos instigado a pensar: O que de inovação se faz necessário pensar hoje para e com as nossas escolas? Sabemos, que inicialmente as estratégias devem ser pensadas e planejadas por todos, e acima de tudo, aceitas, porque construídas coletivamente, como meta de todos. Por força das circunstâncias, abandonamos o ensino presencial e aderimos ao trabalho remoto, mas isso não se concretiza uma inovação, pois, se apenas mudar o meio, ou a forma de contato, como aconteceu neste momento, nossas práticas continuam sendo as mesmas, aquelas que vinham sendo realizadas “dentro” da escola.

Como pensar formações de professores que estão há meses reclusos em suas casas, sem contato com familiares, sociedade, amigos e tendo que abrir a porta de sua casa para acesso de toda comunidade escolar? Como pensar uma educação de qualidade, para a volta de nossas crianças para as escolas? Como juntos podemos criar estratégias para demonstrar, justamente nessa situação, que a escola é o melhor lugar de se estar?

Assim, ao mencionar sobre a formação de professores, Nóvoa (2020) sinalizou sobre a metamorfose da escola atual neste período de pandemia, sendo que, hoje mais do que nunca, temos consciência, de que a formação dos professores é central para nossa caminhada, é preciso olhar para formação continuada tendo como base a partilha de práticas, e não apenas regras e técnicas.

Enfim, refletir sobre este tempo é, acima de tudo, andarmos juntos em uma caminhada que não sabemos qual seu destino principal para todos, ou aonde iremos individualmente chegar, mas sim, acreditando que juntos, partilhando experiências, e vivências, poderemos fazer diferente de tudo o que já foi vivido.

Ser professor é muito mais que estar em uma sala de aula com crianças e construir conhecimento. Ser professor, na Educação Infantil, perpassa as

paredes desse espaço que é a escola, é ter em mente a criança como foco do trabalho. Precisamos entender essa primeira etapa da Educação Básica, como tempo e espaço que precisa possibilitar experiências enriquecedoras de viver a infância e proporcionar diferentes e apaixonantes descobertas para e com as crianças.

Docência e Educação Infantil: possibilidades e desafios de professoras

130

O mundo em que as pessoas nascem não é mais visto como decretado pelo fado, mas como um aglomerado de possibilidades. Pode-se moldar tanto o mundo quanto a si mesmo. Pelo menos em nossa imaginação, não há limites para as possibilidades de “moldarmos o mundo”. Podemos tomar nas mãos o destino do mundo. Assim como nosso futuro depende de nós, o do mundo também. Como podemos transformar as possibilidades em destinos é agora questão nossa. (HELLER; FEHÉR, 2002, p. 33).

A epígrafe acima talvez seja uma possibilidade de pensar a tarefa que nós adultos temos na (re)organização da vida em tempos de afazeres tão distintos e tão iguais que têm nos tensionado a (re)fazer, (re)aprender e (re)organizar diariamente nossas ações. Nossas possibilidades são muitas. Lidamos todos os dias com o que há de mais caro no mundo: a Educação dos nossos pequenos! Ao mesmo tempo, algumas de nossas convicções foram e estão sendo constantemente ameaçadas e colocadas em xeque pela necessidade de pensar como, quando, e qual Educação Infantil é possível em tempos de isolamento/distanciamento social.

Nessa parte do texto, busca-se problematizar as limitações da docência⁸ na Educação Infantil tendo em vista a situação de Pandemia que impôs a utilização

⁸ Buscamos nessa parte do texto discutir, a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, os elementos que estruturam as Propostas Pedagógicas, assim como as práticas na Educação Infantil e por isso, a docência nessa etapa da Educação Básica. Entendemos que essa docência, muito mais do que em outros níveis e etapas, se dá pela relação estabelecida diretamente com as crianças. Não há, a priori, conteúdos a serem trabalhados com as crianças. Por isso as reflexões que seguem indicam que algumas ações desenvolvidas ao longo desse tempo de pandemia são tentativas de estabelecer/manter contatos com as crianças e suas famílias, mas ainda estão longe de cumprir com todas as possibilidades formativas necessárias às crianças na Educação Infantil.

das tecnologias às redes de Educação Básica em seus processos pedagógicos, pensados para este tempo para que a escolarização continue a acontecer. As limitações de que falamos têm a ver com a convicção, alicerçada e construída em determinantes das políticas públicas e da intensa produção teórica sobre o assunto.

Na Educação Infantil há processos pedagógicos que constituem a formação das crianças desde muito pequenas e que são impensáveis pela necessidade de distanciamento dos corpos, das relações das crianças com professores e demais adultos da escola, assim como nas relações entre elas e os espaços que habitam e delas entre elas mesmas.

A própria ideia de currículo, ou construção curricular para e na escola de Educação Infantil nos auxilia a continuar defendendo que, diferentemente do que se propõe nas demais etapas da Educação Básica, são as relações estabelecidas, com as próprias crianças, os espaços e os adultos que participam da vida da escola, que se somam nas aprendizagens de ver, tocar, perceber o mundo a sua volta, assim como de produzir cultura a partir da sua própria produção como sujeito da cultura.

Há três elementos muito importantes de serem trazidos nessa escrita, e que, sendo partes que integram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), figuram como balizadores de um trabalho relacionado à educação dos pequenos em propostas institucionais que se queira implementar. Trataremos dos Artigos 3º, 4º e 9º, que demonstram concepções de Currículo, Criança e entendimento acerca dos eixos orientadores das práticas a serem pensadas com as crianças.

Apesar de iniciar tratando das propostas pedagógicas para a Educação Infantil, o Art. 4º também nos demonstra a concepção de criança presente nas DCNEI:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a

natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p. 1). Grifos nossos.

Com essa concepção tão detalhada e de certa forma explicada em palavras simples e de fácil entendimento, vemos que a criança precisa ser ponto de partida para qualquer organização de trabalho pedagógico institucional na Educação Infantil. A criança como centro do planejamento curricular é uma premissa que se coloca como definidora de intencionalidades, articuladora entre a ideia de infância e currículo, tendo em vista pensar o planejamento, assim como nos diz, na continuidade do artigo, como se entende que a criança aprende e se apropria do mundo.

132

Considerar a criança como produtora de cultura é também uma premissa interessante que vem acompanhando as discussões sobre a infância e a Educação Infantil ao longo das últimas décadas. Faz parte também dessa premissa a consideração de que é nas interações e experiências vividas na escola e fora dela que as crianças são sujeitas a um tempo atual, hoje, contemporâneo e real.

Adentrando nas questões relacionadas ao Currículo da Educação Infantil, podemos lançar mão do Art. 3º, no qual entende-se que:

O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (BRASIL, 2009, p. 1).

Na consideração de um tempo em que nossas vidas foram totalmente remodeladas por força de uma Pandemia, é preciso pensar na especificidade da educação das crianças pequenas como uma situação muito singular, na qual muitos dos movimentos e proposições são difíceis de acontecer, visto que prescindem de grupos, trocas, partilhas, interações, para além de intencionalidades em que as crianças sozinhas possam produzir algum “trabalhinho” ou “registro” de situação de aprendizagem.

Temos realizado e acompanhado relatos de colegas, professoras que atuam na etapa da Educação Infantil nas escolas do Sistema Municipal⁹, nas quais se desenvolvem diferentes tipos de práticas buscando envolver as crianças e suas famílias em atividades ora interativas e síncronas, ora assíncronas, com vídeos, Contação de Histórias, entrega de kits com materiais e atividades para as crianças.

Ponderamos, porém, que essas práticas configuram algumas possibilidades da docência ligada ao contexto específico da Educação Infantil nesse tempo de pandemia. Isso porque, nessas propostas, não há possibilidade de participar, observar e propor interações, brincadeiras e situações de aprendizagens a partir dos movimentos das crianças¹⁰.

Continuando no intento de discutir e problematizar certo desconforto em nomear práticas que estejam acontecendo como “ensino remoto” na Educação Infantil, citamos o Art. 9º das DCNEI, no qual: “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, [...]” (BRASIL, 2010), o que se mostra definidor de que algumas proposições podem ser pensadas e organizadas, desde que tenhamos clareza de que nada substituirá a aprendizagem de estar na escola e poder brincar com outras crianças.

A parte que segue demonstra situações que envolvem a experiência docente de três professoras que atuam na Educação Infantil, enfocando - duas delas - as situações em que os afazeres da maternidade e da docência se intensificam nos tempos de pandemia.

⁹ Sistema Municipal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

¹⁰ A título de ilustração às nossas afirmações, podemos citar a situação em que uma família solicitou à professora que enviasse propostas em que a criança pudesse brincar sozinha. Ou uma outra família que relata não participar (nem disponibilizar à criança a proposta) pois seu objetivo de matricular a criança na escola era que ela pudesse brincar com outras crianças. Alertamos que consideramos as duas situações e posicionamentos das famílias legítimos, visto que a situação colocada apresenta-se adversa a muitos dos anseios de famílias, crianças e professoras.

Trajetórias de professoras atravessadas pela Pandemia

Registro reflexivo de uma professora da rede pública municipal

Quando iniciamos um novo ano letivo, vários planos e sonhos nascem com ele. Planejamos estudos, cursos e nos preparamos para receber as crianças que serão da nossa turma. Ficamos a pensar em como organizar a nova rotina, em como iremos atender e conhecer cada família. Assim, em fevereiro de 2020 adentramos na nossa escola cheias de esperanças e sonhos, os quais nem sequer imaginávamos, seriam interrompidos abruptamente após um mês de trabalho.

No momento em que pensamos estar todos nos adaptando ao novo ano, crianças, famílias, professores, a escola precisou fechar as portas, todos precisaram ficar em suas casas e iniciou-se um período que não sabíamos quanto tempo duraria. Quinze dias inicialmente, depois mais quinze, mais trinta e assim foram prorrogando prazos e a nossa vida precisou adaptar-se a essa nova rotina que se instalava.

Em casa, ficamos sem saber ao certo o que fazer, aproveitamos o tempo para estar com as crianças, buscamos leituras ou uma atividade física para passar o tempo, organizamos materiais pedagógicos para quando retornarmos? E nossas crianças e suas famílias, como estão reagindo a todo esse processo de mudança? O que podemos fazer como professoras para auxiliar a comunidade da nossa escola? Muitas questões inquietavam.

Dessa forma gestores e professores, entre encontros virtuais e utilização de grupos de redes sociais, começaram a planejar ações que poderiam manter o vínculo da escola com as pessoas das suas comunidades. A universidade, que também precisou fechar suas portas, abriu janelas virtuais e por elas nos encontramos, temos nossas aulas, discutimos textos científicos e também dialogamos sobre vida particular, desafios diários, angústias, e assim acalentamos umas às outras.

Estar em casa, sem estar de férias, e ainda com toda demanda da docência, de ser acadêmica de um curso de Mestrado, ser mãe de uma criança de cinco anos não é tarefa fácil. Dividir o tempo para dar conta de tudo é muitas vezes sufocante, causa ansiedade e angústia.

As escolas começaram a se organizar com atividades remotas, mesmo sem muitos saberem ou compreenderem a maneira como isso poderia acontecer. Na Rede Municipal de Ensino foi oferecida formação com *lives*, encontros virtuais promovidos por escolas. Professores e toda comunidade tentando entender como isso seria possível. Pais que não sabem como ajudar as crianças, professores tentando auxiliar, tudo isso mediado pelas telas de celulares e computadores.

Nessa perspectiva, rotinas diárias mudaram e a vida cotidiana que antes parecia estar organizada, precisou ser revista e reorganizada. E a vida das nossas crianças? Não tem escola para ir, para onde irão, com quem ficarão enquanto seus responsáveis estarão cumprindo suas tarefas de empregos para o sustento da família?

Mesmo diante de todo esse contexto, acreditamos que as crianças precisam de tempo para brincar, para realizar suas pesquisas, direito a perguntar e aprender. Nesse momento de pandemia e de muitas incertezas priorizamos as relações e a afetividade nessa imensa complexidade que é possibilitar à criança ser criança e viver com dignidade a infância.

Assim, em nossa escola quando solicitadas a produzir uma Carta de Intenções sobre como pensaríamos o “ensino remoto” para educação infantil considerando nossa realidade, citamos que:

Essas concepções e pensamentos acompanham nossos planejamentos para as ações pedagógicas orientadas não presenciais, assim determinadas pela Resolução 41/2020 (SANTA MARIA, 2020) na Educação Infantil do município. Porém nos deparamos com muitas variáveis que devem ser consideradas no caminho entre o planejamento das propostas e a realização dessas pelas crianças e suas famílias. Por isso buscamos um olhar sensível ao que ocorre nas residências das famílias, propondo ações que qualifiquem a brincadeira e as

interações através de músicas, histórias, propondo a inserção da criança nas tarefas cotidianas da casa, explorando os diferentes espaços que são possíveis no momento. (Carta de Intenções, 2020).

Vivemos em um mundo no qual as tecnologias, por um lado, nos auxiliam, nos aproximam, por outro, excluem aqueles que a ela não têm acesso, por isso e acreditando na criança como sujeito do mundo, que faz sua história a partir do lugar que está, buscamos propor ações que as famílias pudessem fazer com as crianças, utilizando materiais que tem em suas casas, materiais que encontramos na natureza ou então enviando “kits pedagógicos” para que tenham os subsídios de que precisam.

Assim priorizamos o vínculo com as famílias, as crianças e as interações que venham a acontecer durante o processo de desenvolvimento das ações propostas bem como daquelas que fazem parte da rotina familiar.

Não sabemos quando e como voltaremos às escolas, como receber as crianças e as famílias, ainda assim, estamos nos preparando para esse retorno que não tem data. As “fraternidades” aumentam nesse tempo. Encontramos nos grupos de estudos, nas escolas *online*, nas conferências e *lives*, parcerias que nos confortam nas nossas angústias e nos fortalecem nas nossas concepções.

Para pensar este tempo, esta caminhada que todos os professores devem estar enfrentando, Freire (1991), aborda muito aproximadamente um sentimento desse período de isolamento: [...] ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (p. 58).

E isso é o que vem diariamente acontecendo neste período, estamos nos refazendo a cada momento, a cada proposta pensada e enviada para as crianças e suas famílias, nossa prática precisou ser reorganizada conforme exigia o momento, a escola, as crianças, as famílias. Todos dentro de suas casas, as crianças com suas famílias por 24h, as mães, pais, avós, tias, se tornando professores sem nenhum preparo para tal ação, e nós professores, tivemos que

embarcar e encarar a realidade, de frente com a tecnologia, que muitas ainda desconheciam.

Quantas mudanças, quantas adaptações, e tudo muito rápido, sem muito tempo para pensar e organizar, apenas com a certeza de que o isolamento social era nossa única opção para cuidarmos de quem amávamos.

Registro reflexivo de uma professora da rede privada de ensino

137

Ao nos depararmos pensando sobre o que seria mais importante realizar com as crianças, refletimos sobre nossa prática diária, os movimentos que fazemos como professoras de Educação Infantil. Ao mesmo tempo, vivenciamos práticas tão distantes, porque as crianças não viriam correndo para nos abraçar no momento em que abriríamos a porta da sala de aula, não viriam nos pedir um colo, porque o colega brigou, ou porque não quiseram lhe emprestar um brinquedo. A escola está vazia, nossa sala está vazia, e nossas crianças? Quem poderia imaginar que um dia passaríamos por isso, apenas visualizando as crianças pela tela do computador e celular.

Quem pensaria que o olhar de uma criança poderia estar durante nossas tardes tão perto e tão longe ao mesmo tempo, que os abraços não aconteceriam mais de um dia para o outro. Foi exatamente assim que aconteceu, a Pandemia chegou, invadiu nosso planeta, nossa cidade, nossa escola e a nossa casa.

Foi necessário deixar de frequentar a escola, e nossas casas passaram a ser nossa sala de aula, aquele cantinho com toda intencionalidade, ainda vive, mas agora fora do ambiente escolar, ele se faz presente na parede do nosso quarto, na cortina da nossa sala, na cozinha, em qualquer cômodo, onde as crianças também consigam visualizar, através da câmera do celular ou do computador.

E ainda, o grande desafio ainda estava por vir, ninguém imaginava que as crianças não apareceriam nos horários definidos para nos encontrarmos, ou que não responderiam as nossas mensagens. Como pensar a docência sem crianças?

Como planejar se não sabemos o que elas querem aprender? Como refletir sobre o que deu certo ou errado, se não conseguimos enxergá-las.

Inacreditável... com o passar dos meses as crianças foram se afastando, uma a uma, e hoje durante as lives, que acontecem três vezes por semana, com uma duração de uma hora, não vejo nenhuma delas através da minha tela, algo que não deve ser questionado, nem apontado como algo ruim, mas sim refletido e analisado, pois vivemos agora em uma realidade não vivida antes, conseguir dar conta de toda uma organização familiar, bem como do acompanhamento de propostas pedagógicas para crianças pequenas não é tarefa fácil para uma mãe ou para um pai.

Hoje me vejo muito mais madura, mais respeitosa e grande, passar por todos estes dias, gravando inúmeros vídeos, para serem encaminhados para as famílias, e mesmo assim, não ter nenhuma devolutiva, não é uma tarefa tão simples, é doloroso, mas mesmo sem ninguém aparecer, para dar um oi ou dizer que está bem, mantive, sempre minha alegria e amor por cada momento.

Organizar um planejamento, não é algo rápido, passamos dias refletindo e visualizando, organizando o espaço em que a *live* deverá acontecer, o que será preciso ter naquele momento, que materiais preciso ter a mão, para não deixar as crianças esperando, é preciso ser o mais prática possível, para também não se tornar cansativo para elas, e o principal: que elas tenham sim uma aprendizagem significativa, pois a cada dia, a esperança de que elas voltem e estejam ali comigo é grande.

Quantos questionamentos sem respostas, e ainda assim, seguimos diariamente nos reconstruindo como professoras, buscando através de cursos *online*, entrevistas, palestras, troca de ideias nos grupos, para a cada dia, aperfeiçoar cada passo dado, cada planejamento, rever as práticas e as concepções. Para pensar na criança como sujeito de direitos, protagonista em seu tempo, também é preciso pensar em nós mesmas como protagonistas, que buscamos dia a dia melhor atender as demandas tão diferentes que temos hoje.

Aprendizagens da Docência na Pandemia: Alguns apontamentos...

Esse tempo de quarentena vem nos apresentando, além de algumas angústias, inseguranças e incertezas, também muitas possibilidades. Hoje sabemos que os adultos das instituições escolares conseguem trabalhar todos juntos por um bem comum. Que olhar e entender o outro deve ser como o ar que respiramos, essencial para nos mantermos vivos. Que a tecnologia pode sim nos auxiliar em processos de aprendizagens que envolvem brincadeiras, músicas, cores, sons, movimentos, mas que não existe nada comparado ao olhar no olho de uma criança, um acalanto, um colo, um abraço, uma frase como "A *profe* está aqui com você!", "Vai ficar tudo bem..." ou "Você quer um colo?".

A docência tem sido um tempo e espaço especial de nossas vidas e do cotidiano que vivemos. Especial porque temos crescido muito a cada dia. Que tudo sirva de um grande aprendizado, estamos nos revendo e reinterpretando a cada novo desafio. As inúmeras reuniões *online*, os chimarrões virtuais, as chamadas de vídeo, em que encontramos colegas de estudo, profissão e sobretudo amigos, são situações em que uma ajuda a outra e, em todos os sentidos, nos fortalecemos.

Passar por esta quarentena e sair dela pensando sermos as mesmas professoras será impossível, valorizar cada detalhe ainda mais do que já era valorizado será a base para tudo. Incentivar as crianças a serem cada vez mais e por mais tempo crianças, brincarem e explorarem o mundo "sem medo", será com certeza uma grande tarefa para todos nós quando voltarmos a viver o mais próximo do que já vivemos. Nas nossas trajetórias como professoras, essa deverá ser a marca deixada por um tempo tão intenso como este.

Enquanto o mundo passa por uma grande pandemia que toma milhares de vidas em todos os continentes, também somos chamados a retomar vínculos, refazer jornadas, reorientar rumos, reconstituir caminhos. Não imaginávamos que isso chegaria tão próximo, e que, sem ter hora para ir embora, essa situação de Pandemia nos modificaria a todos, por dentro dos nossos grupos, lares, afetos, profissões, por dentro de nós mesmos.

Talvez consigamos sair dessa com saúde, mais fortes, menos competitivos, mais solidários, fraternos, humanos, pelo menos na capacidade de lidar com situações adversas. Nossas crianças precisam disso. O mundo precisa, cada um de nós precisa, é tarefa nossa tornar este lugar melhor, façamos isso!

Referências

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; FOCHI, Paulo Sergio. **O desafio da pesquisa com bebês e crianças bem pequenas. Anais. Caxias do Sul: ANPEDSUL, 2012.** Disponível em: <[http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/vi](http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1234/318)> Acesso em: 28 de Julho de 2020

BARRETO, Angela Maria Rabelo Ferreira. Situação atual da Educação Infantil no Brasil. In: MEC/CEF. **Subsídios para reconhecimento e funcionamento da Educação Infantil.** Brasília, 1998.

BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 5, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2009. **Resolução sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Aprovada em 17 de dezembro de 2009.

EMEF Sérgio Lopes. Carta de Intenções da Educação Infantil. **Por uma Educação Infantil pública e de qualidade que respeite os direitos das crianças.**Santa Maria: SMED, 2020.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LIMA, Graziela Escandiel de. **Cotidiano e trabalho pedagógico na Educação de crianças pequenas:** produzindo cenários para a formação de pedagogos. PUCRS: Porto Alegre, 2010. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 5ªed. São Paulo: Cortez, Brasília,DF: UNESCO, 2002.

MORIN, Edgar. **Fraternidade para resistir a crueldade do mundo.**São Paulo: Pallas Athena, 2019.

NÓVOA, Antônio. **Docência em Tempo de Pandemia.** Canal UFSM, 15 de Abril de 2020. Disponível em <<https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/ce/2020/04/13/webconferencia-docencia-em-tempos-de-pandemia/>>. Acesso em: 15 de Abril 2020

SANTA MARIA. **Resolução 41 de 3 de julho de 2020.** Regulamenta as ações orientadas não presenciais na educação Infantil e no Sistema Municipal de Santa Maria.

SANTOS, B. S. **A Cruel Pedagogia do Vírus.** Coimbra: Edições Almedina, 2020, 32 p.